

A QUESTÃO DO NÚMERO SETE NA OBRA: “AS SETE PORTAS DA BAHIA” DE CARYBÉ

THE QUESTION OF NUMBER SEVEN IN THE WORK: “AS SETE PORTS DA BAHIA” BY CARYBÉ

Rita Márcia Amparo Macedo¹

Luis Vitor Castro Júnior²

RESUMO: A obra de Carybé floresceu em solo baiano com uma potencialidade cultural que possibilitou uma identificação do artista com a cidade, seu povo e sua gestualidade. Em sua arte, ele revela o mágico e os encantos da Bahia. O livro *As sete portas da Bahia* oferece uma amostra da perspectiva e do potencial criador do artista em questão, que escreve uma parte da história do Brasil e da Bahia, particularmente. Neste trabalho, é adotado um modelo teórico-metodológico de natureza qualitativa que tem características particulares. Objetivamos: identificar quais contextos culturais estão relacionados com o número sete na obra de Carybé; analisar a obra *As sete portas da Bahia*, no que tange à fundação da cidade do Salvador, a representação e a magia que envolve o número sete, no intuito de chegar a uma compreensão da sua dinâmica criativa. Torna-se importante investigar de que modo o processo imaginativo do artista Carybé possibilita apreender com sua liberdade de criação a representar uma reflexão sobre o número sete e todo um processo de elaboração que envolve a chave para a abertura das suas imagens tratadas nos desenhos que ganham vida através da representação, da cultura. Com essa vasta possibilidade de nos comunicarmos é esse o papel que a semiótica desempenha como metodologia para um melhor entendimento do mundo e da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Carybé; número sete; sete portas; artes; representação. .

ABSTRACT: *Carybé's work flourished on Bahia soil with a cultural potential that enabled the artist to identify with the city, its people and its gestures. In his art, he reveals the magic and charms of Bahia. The book *The Seven Doors of Bahia* offers a sample of the perspective and creative potential of the artist in question, who writes a part of the history of Brazil and Bahia, in particular. In this work, a theoretical-methodological model of qualitative nature is adopted that has particular characteristics. We aim to identify which cultural contexts are related to number seven in Carybé's work; to analyze the work *The Seven Doors of Bahia*, as regards the founding of the city of Salvador, the representation and magic that involves the number seven, in order to arrive at an understanding of its creative dynamics. It is important to investigate how Carybé's imaginative process allows him to apprehend with his freedom of creation to represent a reflection on the number seven and a whole process of elaboration that involves the key to the opening of his images treated in the drawings that win life through representation, culture. With this vast possibility of communication, this is the role that semiotics plays as a methodology for a better understanding of the world and of reality.*

KEYWORDS: *Carybé; number seven; seven doors; Art; representation.*

¹ Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade UEFS. Professora do IFBAIANO, Campus Alagoinhas, ritamparo@yahoo.com.br.

² Pós-Doutorado, Universidade Federal Fluminense, UFF. Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor titular-pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/DSAU). Mestrado em Arte e Educação, Université du Québec. lvcjunior@uefs.br

1. DESVENDANDO O MISTÉRIO DAS SETE PORTAS

Onde Carybé se localizava no mundo e de que lugar é possível analisar a sua obra? Esse também foi um mergulho na cultura baiana, nos prostíbulos, nas ruas, nos lugares comuns. É nessa atmosfera do real, da magia, dos orixás, das peles escuras, da sensualidade dos corpos, da malícia no olhar e da suavidade no andar, com ginga que só esse povo da Bahia tem e Carybé desenhou é que esse trabalho se insere.

Percorrendo trajetos feitos pelo próprio Carybé, foi-nos necessário um mergulho nesse mundo de magia e ao mesmo tempo tão real, onde se estabelece uma linha tênue entre o que é vida e o que é arte. Lugares como o Pelourinho, o Mercado das Sete Portas, a Galeria de Arte Oxum, o Forte de São Diogo, o Ilê Axé Opô Afonjá, o Instituto Carybé, as conversas com Gabriel Bernabó, neto de Carybé, todos esses caminhos foram trilhados para chegarmos às sete portas da Bahia.

Quero dizer que aquela ruma de São Jorge que Alfredo Simões, o santeiro, esculpe e encarna é São Jorge mas é ao mesmo tempo Oxossi. [...] Quando chegam reis à Bahia, ou presidentes ou personalidades mundiais, é de praxe oferecer-lhes um almoço no palácio. Aí o rei come caruru e caruru é amalá, comida de Xangô. [...] Tudo misturado: gente, coisas, costumes, pensares. [...] Tudo está alinhavado, tudo surge no bojo mágico com grossas raízes, profundas raízes que se alimentam de rezas, ladainhas, orikis, alujás, farofas de azeite o ano todo. (CARYBÉ, 1976, p. 13-14).

Como um enigma, o capítulo introdutório do livro *As sete portas da Bahia* é denominado “A chave” e traz elementos importantes para a compreensão da importância da obra. Como se por códigos, com Carybé fazendo referência à diversidade de interpretação dos fatos e acontecimentos na cultura da Bahia, dá pistas das relações do sincretismo religioso nas roupas, nas comidas, no culto aos santos católicos e dos orixás.

Nesse sentido, tivemos o desejo de fazer uma visita a esse mundo tão impregnado de doçura e poesia. A Bahia descrita por Carybé é como uma fonte de água fresca, que não para de jorrar, dando ao seu potencial criador características artísticas vistas aqui de forma ímpar.

Inicialmente, entender a idéia-chave foi essencial ao ingresso nesse caminho cheio de misturas e magias para desvendar seu mistério. Por que sete portas? Foi importante pesquisar sobre a fundação da cidade de Salvador e suas portas, seguindo indícios que me levaram à questão do número sete. Outra pista me conduziu ao mercado das sete portas.

A partir de então, surgiu a necessidade de localizar Carybé no solo baiano, sua baianidade e alguns de seus feitos. Em nome da sua arte e do seu amor por essa gente e lugar que ele escolheu para viver e trabalhar pelo resto de sua existência terrena.

2. A QUESTÃO DO NÚMERO SETE

O ponto de partida para percorrer os caminhos traçados foi seguir a pista que o mestre deixou na introdução do seu livro intitulado *A chave*. A intenção é desvendar a magia que chave “mestra” representa. Este é um enigma que Carybé nos oferece e talvez nunca seja desvendado realmente, mas sua maneira de escrever instiga a uma procura, e os caminhos percorridos perpassam sobre a história de Salvador, pelo poder que o número sete representa na história da humanidade e até mesmo pelo Mercado das Sete Portas.

Entendemos que todo número é um símbolo. As teorias que envolvem o número sete vão além da representação matemática de um número. A questão da generalização para a criação dos números permite certa facilidade nos aspectos práticos das questões de ordem no sentido do processo de pensar:

A própria idéia de número é, estritamente falando, a idéia de ordem ou esquema. Na sua forma mais simples, este é considerado como divisão entre unidade e pluralidade. Antes de podermos falar de *dois* temos que ter o conceito de *um*. Para se formar um conceito torna-se necessário transcender as limitações mentais impostas ao nosso pensamento pelas diversas formas do universo físico. (VARLEY, 1979, p. 11).

Com isso, a ideia de número ultrapassa as questões mais práticas, como a de quantificar coisas, e se relaciona com a noção do individual e do coletivo, do elo estabelecido entre série e a individualidade. É possível admitir que o número é unidade e ao mesmo tempo pluralidade, a partir do entendimento de relacionar os objetos tendo como objetivo a

possibilidade da separação e também da individualidade que existe entre eles. O número sete é um exemplo, pois vários significados lhe são em diferentes culturas e religiões.

É possível atribuir ao número *sete* significados relativos ao nosso esquema temporal. como os *sete* dias da semana. Isso marca nosso ritmo no espaço e nos proporciona uma noção de ordenamento diário. Outra sequência em que se faz presente o *sete* é a do ciclo lunar, já que a lua muda de fase após sete dias em função da alteração das marés. A influência do número *sete* na vida humana não termina aí: para os antigos, havia a relação entre os *sete* planetas até então conhecidos. “Estes são: o Sol, a Lua, mais os cinco planetas que se podiam ver a olho nu: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno” (VARLEY, 1979, p. 14).

O número sete evidencia a relação com as diversas culturas e literaturas religiosas. Existe relação com Gênesis, ou a história da criação da vida segundo a Bíblia Sagrada, tendo Deus se utilizado de sete dias para completar sua obra. Ademais, para os judeus, o número está representado no candelabro de sete braços. Segundo Varley (1979, p. 161): “O candelabro refere-se a consciência universal. Ele é o símbolo do impacto que têm as leis da criação sobre o indivíduo”. É de caráter planetário, em que a chama central permanece repousando em relação à representação dos planetas, que são as outras luzes.

Sobre a história do Cristianismo, há a relação do número sete com os pecados capitais (soberba, ira, inveja, luxúria, gula, avareza e preguiça), além dos sete sacramentos que a Igreja reconhece como divinos (batismo, eucaristia, crisma, penitência, ordem, matrimônio e extrema unção). De acordo com Varley (1979, p. 33):

A oração do Pai Nosso começa com uma invocação e termina com uma dedicatória. A substância entre as partes ritualmente normais da oração consiste em sete petições, das quais as três primeiras são dirigidas a Deus e as quatro seguintes ao homem: 1 – Santificado seja vosso nome; 2 Venha a nós o seu reino; 3 – Seja feita a tua vontade; 4 – Dá-nos o pão nosso de cada dia; 5 – Perdoa as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; 6 – Não nos deixes cair em tentação; 7 – Livra-nos de todo o mal.

Essa relação entre o divino e o humano fornece uma contextualização que nos permite visualizar o amplo aspecto que o número sete alcança em toda a história da humanidade em

tempos distintos. O sete está ligado ao sagrado, ao mágico, ao habitual. A expressão “sétimo céu” está ligada à religião maometana, que admite sete paraísos diferentes.

Assim, compreendemos o número *sete* a partir da relação com o seu poder de criação e recriação, do conhecido para o desconhecido. O *sete* é a combinação entre o número *três*, que representa o divino (pai, filho e espírito santo), e o número *quatro*, que representa o terreno (ar, água, fogo e terra). É esta ligação que está representada em *As sete portas da Bahia*. A obra apresenta, por intermédio dos desenhos de Carybé, um povo e toda a sua energia. Essa relação entre o divino e o humano, entre a alma de um povo e a sua natureza, simboliza a arte em sua totalidade.

O número sete representa a transformação, e assim é feito no livro, que nos faz adentrar em um mundo fascinante do cotidiano em sua relação com o sagrado. Na obra, a conexão entre as manifestações humanas nos leva às coisas divinas, tão ligadas umas às outras que se torna difícil estabelecer uma separação entre o que vem a ser sagrado e o que é profano.

2.1 Fundação da cidade de salvador

Em busca de evidências sobre as sete portas da Bahia, devemos fazer referência à fundação de Salvador. Existe, na história dos limites primitivos da cidade, uma menção à presença de duas portas tradicionais.

Segundo Sampaio (apud TAVARES, 2001, p. 118-120):

A cidade do Salvador foi a primeira cidade fundada nas terras do Brasil em 1549. [...] Outra questão discutida é a dos primeiros limites da cidade. Theodoro Sampaio a concebeu no modelo das cidades medievais da Europa Ocidental, com uma praça da qual partiam ruas longitudinais e transversais. Ele marcou duas portas: a do sul, Porta de Santa Luzia, na altura do ex-prédio da Secretaria da Agricultura e Viação, hoje Palácio dos Esportes; e a do norte, Porta de Santa Catarina, no começo da antiga rua da Misericórdia. À medida que a cidade foi crescendo, rompeu o primeiro muro, avançou com a porta do sul mais para São Bento, tornando-se conhecida como Porta de São Bento. A do norte mudou-se para o Carmo: Porta do Carmo. Primeiras ruas e praças – No traçado mais antigo, a cidade

possuía uma praça quadrada, onde estavam a Casa dos Governadores e a Casa de Vereança. Daí partiam as ruas longitudinais: Direita do Palácio ou dos Mercadores (atual rua Chile) e a sua da Ajuda e as ruas transversais do Tira Chapéus e das Vassouras. Havia dois caminhos que levavam para a praia: um ao sul, a ladeira da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, outro ao norte, a ladeira da Fonte do Pereira. Da porta sul abria-se o caminho por terra para a Vila Velha do Pereira e a Graça. O da porta norte atingia o terreiro do Colégio dos Padres Jesuítas e a ladeira do Monte Calvário ou dos Frades Carmelitas.

Fica evidente dessa maneira que na fundação da cidade do Salvador não existiam sete portas, como trás os relatos hostóricos da ciração da cidade. Sua importancia é evidente pois até o início do Século XIX, era a maior cidade do Brasil e a segunda maior em todo o Império Lusitano, atrás apenas de Lisboa. Até os anos 1870, era o porto mais movimentado do país, porém, em relação as buscas a fim de decifrar a chave que Carybé nos apresenta essa é uma pista que nos permite como prova evidente que o segredo a ser revelado torna-se mais uma vez mágico e envolto na formação de uma atmosfera de entrelaçamento do sagrado e do profano, do terreno e do místico, do concreto e do abstrato, revelando que a pretenção do artista é nos envolver em um espectro de amplitudes e intensidades em que a arte ppsibilita experimentar.

2.2. O mercado das sete portas

A noção da inicial da capital baiana, com sua porta do sul e sua porta do norte, nos remete a outras vias e olhares, outras perspectivas para compreender a cidade e ingressar em suas construções não só arquitetônicas, mas também pelo viés da cultura, no sentido da ocupação dos espaços e dos significados existentes entre essa terra e a sua gente.

É impossível pensar nas sete portas da Bahia sem fazer referência ao Mercado das Sete Portas. Essa é uma pista que nos leva a conhecer mais profundamente a cidade de Salvador, sua cultura e sua gente. “Freqüentado por boêmios, poetas, artistas em geral, que gostavam de ficar bebendo, batendo papo e comendo nas madrugadas a fio como se estivessem dentro de um livro de Jorge Amado” (DÓREA, 2006, p. 1), o mercado foi construído em 1940,

pelo empresário Manoel Pinto de Aguiar, com sete portas de entrada, daí o nome pelo qual ficou sendo conhecido.

Fica localizado na Rua Cônego Pereira, endereço que separa os bairros do Barbalho e Macaúbas do Matatu. Indo em sentido oeste chegamos à Baixa dos Sapateiros; no sentido oposto temos o Largo dos Dois Leões, onde fica o monumento ao ex-prefeito Heitor Dias. Próximo dali encontra-se o Cemitério da Quina dos Lázarus. Ao sul pela Djalma Dutra, chegamos ao Estádio da Fonte Nova. (DÓREA, 2006, p.01).

O Mercado das Sete Portas também é um local que recebe uma das mais tradicionais feiras livres, com uma variedade muito grande de produtos regionais como frutas, verduras, carnes e, inclusive, artigos ligados à religiosidade afro-brasileira. Sempre se referem a ele carinhosamente e extrapolam suas sete portas como se elas fossem da “Bahia” (isto é, de Salvador) como um todo, fazendo parte da história da cidade.

3. CONCLUSÃO

A contribuição que um artista desse porte traz para as artes da Bahia e do Brasil é grandiosa, por representar de maneira ímpar a cultura de um povo através das festas religiosas, das baianas de acarajé, dos orixás do candomblé, da puxada de rede, da vida noturna. E, ainda, por retratar a prostituição, o cangaço, a vaquejada, o índio, o mestiço, as feiras livres, o largo do Pelourinho e a capoeira. Por meio dessas percepções de movimento, de gestualidade dos corpos, das cores, cheiros e sabores encontrados no espaço das feiras e mercados é que Carybé podia perceber a vida em sua real criação, em ações sendo vividas naquele momento e naquele espaço, o vínculo foi criado e estabelecido a partir do número sete como um elemento de ligação entre o divino e o humano, presente no estudo das sete portas.

REFERÊNCIAS

CARYBÉ. **As sete portas da Bahia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1976.

DOREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes de suas ruas**. Salvador: EDUFBA, 2006.

TAVARES, Luis Henrique Dias. **História da Bahia**. São Paulo: Editora UNESP: Salvador, BA: EDUFBA, 2001.

VARLEY, Desmond. **Sete: O número da criação**. Coleção Esfinge. Lisboa – Portugal, 1978.

Demais Referências

AMADO, Jorge. **O capeta Carybé**. Arte para jovens. Coordenação: Donatella Berlendis. Berlindis & Vertecchia Editores Ltda. São Paulo, 32ª edição, 1997.

BARRETO, José de Jesus. FREITAS, Otto. **Carybé: um capeta cheio de arte**. Coleção gente da Bahia. Salvador: Assembléia Legislativa da Bahia, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. (p.283-350).

CASTRO JUNIOR, Luis Vitor. **Campos de visibilidade da capoeira baiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955 - 1985)**. Brasília: Ministério do Esporte/ 1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2010.

FRANÇA JUNIOR, Edevard Pinto. **A construção da baianidade no final do século XX: análise do documentário o Capeta Carybé**. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI, 2011. ISBN: 978-85-98711-10-2.

FUERRER, Bruno (org.). **Carybé**. Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1989.

MARIANO, Agnes. **A invenção da Baianidade**. São Paulo: Annablume, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **A Pesquisa Social: método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PRIORE. Mary Del. **O corpo feminino, sua história e sua relação com o social**. (Conferência). O corpo ainda é pouco: seminário sobre contemporaneidade, Feira de Santana. Org. Sonia T. Lisboa Cabeda, Nadia Virgínia B. Carneiro, Denise Helena P. Laranjeira. Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000. IBSN – 85-7395-033-1.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. Coleção Primeira Passos, São Paulo S.P: Editora Brasiliense, 1983.